

ARTÍCULO ORIGINAL

A INVENÇÃO DOS SUL-AMERICANOS: A COMUNIDADE IMAGINADA NA AMÉRICA DO SUL

LA INVENCION DE LOS SUDAMERICANOS: LA COMUNIDAD IMAGINADA EN AMÉRICA DEL SUR

Philippe Carvalho Raposo*

Resumo: A pesquisa tem como finalidade verificar se existe uma comunidade imaginada entre os sul-americanos, fundada numa consciência de grupo que transcenda as fronteiras nacionais. Há dúvidas quanto à identificação dos sul-americanos em relação aos projetos de integração regional. Muitos sequer conhecem as instituições sul-americanas, como o MERCOSUL e a UNASUL. Será aqui analisada a viabilidade de se forjar uma identidade transnacional sul-americana, sem prejuízo para as identidades nacionais predominantes.

Palavras-chave: América do Sul, integração regional, identidade transnacional.

Resumen: La investigación tiene la meta de verificar si existe una comunidad imaginada entre los sudamericanos, fundada en una conciencia de grupo que trasciende las fronteras nacionales. Hay dudas sobre la identificación de los sudamericanos con los proyectos de integración regional. Muchos ni siquiera conocen las instituciones sudamericanas, como el MERCOSUR y el UNASUR. En este artículo, se analizará la viabilidad de forjar una identidad sudamericana, sin perjuicio para las identidades nacionales predominantes.

Palabras clave: América del Sur, integración regional, identidad transnacional.

I. Introdução

Comunidades imaginadas são grupos – de maior ou menor extensão – em que os membros não conhecem uns aos outros na totalidade, embora tenham consciência de que pertencem à mesma coletividade (Anderson, 1983). Benedict Anderson defende que as nações são exemplos de comunidades imaginadas. Um carioca

compartilha a mesma identidade nacional de um paulistano, ainda que nunca se conheçam. O mesmo acontece entre um argentino de Mendoza e outro de Buenos Aires; ou entre um boliviano de Santa Cruz e outro de La Paz; e assim por diante. Nações são comunidades imaginadas, nas quais os nacionais compartilham a

* Ministério das Relações Exteriores, Brasil.
Email: philippe.raposo@itamaraty.gov.br
Recibido: 18/05/2018. Aceptado: 14/11/2018.

mesma identidade coletiva. Por analogia, o raciocínio também pode ser aplicado às regiões, como América Latina e América do Sul. Não é raro referir-se a uma pessoa como latino ou sul-americano, normalmente por comparação aos que não nasceram na região e que, por isso, não compartilham essas identidades. Regiões – assim como as nações – também podem ser comunidades imaginadas.

Nacionalismos e regionalismos são ambos fenômenos historicamente construídos por intelectuais e agentes governamentais, com efeitos que reverberam sobre o imaginário das pessoas. Se é verdade que a identidade latino-americana é bastante disseminada pelos países da América Latina – a exceção dos brasileiros, cuja maioria não compartilha essa identidade (Onuki, Mouron & Urdinez, 2016) –, há dúvidas quanto à existência de uma suposta identidade transnacional entre sul-americanos que transcenda as identidades nacionais predominantes na região. Neste artigo, busca-se resposta para essa pergunta de pesquisa: existe uma comunidade imaginada entre sul-americanos? A hipótese é a de que essa identidade transnacional não existe.

2. Os sul-americanos: população e fluxos transfronteiriços

O *Worldometers* estima que a população total da América do Sul gire em torno de 427 milhões de pessoas, em 2018.¹ Os sul-americanos

hoje correspondem a cerca de 5,6% da população mundial. Entre os 427 milhões de sul-americanos, a média de idade regional é de 30 anos. Em 1990, a população sul-americana era de aproximadamente 300 milhões de pessoas. Estima-se que, até 2045, essa cifra ultrapasse 500 milhões de pessoas.² Em 2045, a média de idade na região tende a girar em torno de 41 anos, bem superior à atual.

Nos últimos anos, tem aumentado consideravelmente o fluxo migratório entre os países sul-americanos. Em termos quantitativos, Argentina, Chile, Colômbia e Brasil são os destinos mais atrativos para os imigrantes sul-americanos. De acordo com os dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Brasil acolhe em torno de 700.000 imigrantes estrangeiros, dos quais 30% são sul-americanos,³ particularmente paraguaios, bolivianos, argentinos e venezuelanos. Na Colômbia, estima-se que, nos últimos vinte anos, 900.000 venezuelanos migraram para a Colômbia, o que inclui os colombianos que haviam migrado para a Venezuela em razão dos conflitos com grupos guerrilheiros, ali obtendo dupla nacionalidade; mas que, nos últimos anos, retornaram à Colômbia.⁴ No Peru, estima-

estimates. Recuperado de <http://www.worldometers.info/world-population/south-america-population/>

² Recuperado de http://estadisticas.cepal.org/cepalstat/WEB_CEPALSTAT/Portada.asp?idioma=i

³ Recuperado de <http://www.iom.int/world-migration>

⁴ Recuperado de <http://www.eltiempo.com/especiales/migracion-de-venezolanos-en-colombia-cifras-e->

1 The current population of South America is 427,541,246 as of Friday, April 27, 2018, based on the latest United Nations

se que 100.000 venezuelanos tenham ingressado.⁵ A Argentina acolhe mais de 2 milhões de estrangeiros, dos quais 80% são sul-americanos, sobretudo paraguaios, bolivianos, chilenos e peruanos.⁶ O Chile acolhe 500.000 imigrantes estrangeiros, dentre os quais 75% são sul-americanos, particularmente peruanos e argentinos.⁷ A partir desses dados, verifica-se a relevância das migrações sul-americanas, um dos mais relevantes fenômenos transnacionais na região.

Crescente tem sido também o fluxo de turistas sul-americanos viajando por outros países da América do Sul. Cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Santiago, Lima, Montevideu e Bogotá são destinos tradicionais de um turismo cada vez mais praticado pelos próprios sul-americanos, aos quais se somam lugares recentemente incorporados aos circuitos turísticos internacionais, tais como La Paz, Quito, Cusco, Macchu Picchu, El Calafate, Torres del Paine, Bariloche, Mar del Plata, Ilha de Páscoa, Punta del Este, Florianópolis, Foz do Iguaçu, Pantanal, Fernando de Noronha, San Pedro de Atacama, Salta, Salar do Uyuni, Ilhas Galápagos, Lago Titicaca, Cartagena, Mendoza, Colônia do Sacramento, Ushuaia, Curaçao, entre vários outros lugares. No Brasil, companhias aéreas estão ampliando a oferta de voos para destinos na América do Sul visando a atender uma maior demanda por

turismo regional. A recíproca também é verdadeira: o Brasil é um destino turístico cada vez mais comum para os sul-americanos. Do total de 6,5 milhões de chegadas de turistas ao Brasil, em 2016, O Ministério do Turismo registra que 3,7 milhões vieram de outros países sul-americanos vizinhos, o que equivale a 56,7% do total de turistas estrangeiros no país (Ministério do Turismo, 2017). Os argentinos são os que mais visitaram o Brasil em 2016 – 34,8% do total de turistas estrangeiros visitando o Brasil. Na sequência, aparecem os norte-americanos (8,6%), paraguaios (4,8%), chilenos (4,7%) e uruguaios (4,3%). É interessante fazer uma comparação desses dados – de 2016 – com os dados de 2004, ano em que, dos 4,8 milhões de estrangeiros que visitaram o Brasil, 1,8 milhões foram sul-americanos: 38,1% do total de turistas estrangeiros, por comparação aos 56,7% de 2016. Nesse sentido, é muito considerável o aumento percentual dos sul-americanos visitando o Brasil para fins de turismo ao longo deste período. Em 2004, os argentinos foram 19,2% do total de turistas estrangeiros no Brasil, em comparação aos atuais 34,8%. De acordo com a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), o Brasil recebeu 1.127 voos semanais oriundos do exterior no mês de março de 2017, dos quais 556 voos semanais tiveram como origem algum país da América do Sul (49,3%); 216 voos vieram da América do Norte (19,1%); e 215 voos da Europa (19,0%), retratando a relevância dos sul-americanos para o turismo no Brasil (COMEX DO BRASIL, 2017). Na via inversa, o Ministério do Turismo indica que a América do Sul representa

historias-de-vida-72946

5 Recuperado de <https://diariocorreio.pe/noticias/migraciones/>

6 Recuperado de <http://www.iom.int/world-migration>

7 Recuperado de <http://www.iom.int/world-migration>

39% da demanda dos brasileiros por turismo internacional (os EUA representam 24%), em 2016. Ou seja, há mais brasileiros saindo do Brasil para visitar outro país sul-americano do que os EUA, tradicional destino turístico para os brasileiros. Verifica-se, assim, um considerável aumento dos fluxos transfronteiriços na América do Sul, seja para fins de migração ou turismo.

Na medida em que os sul-americanos intensifiquem o cruzamento das fronteiras e passem a conhecer mais uns aos outros, esses indivíduos em interação tendem a revelar, entre si, pontos de convergência e divergência, ficando sujeitos a influências recíprocas, daí emergindo um possível sentido de coletividade. Para Georg Simmel, a interação entre pessoas é um pressuposto básico para a construção comunitária. Em tese, é possível olhar os sul-americanos como uma hipotética comunidade de pessoas. Os fluxos de migração intrarregional e de turismo fortalecem os vínculos subjetivos entre os sul-americanos, o que possibilita a construção de um imaginário coletivo. Em síntese, os contatos tendem a gerar interdependência. E, como observa Alexander Wendt, “a interdependência é um fator que contribui para a construção de identidades coletivas” (Wendt, 1994, p. 389).

3. Existe uma comunidade imaginada na América do Sul?

Na literatura sobre a integração sul-americana, a construção identitária é elemento ainda pouco estudado. Em princípio, não há uma identidade coletiva compartilhada entre os sul-americanos.

É incomum encontrar alguém que se identifique como sul-americano, já que a distinção identitária que prevalece na América do Sul, assim como na maior parte do mundo, está relacionada ao nacionalismo. Antes de se enxergar como sul-americano, a maioria dos que residem na América do Sul se identificam como argentinos, brasileiros, colombianos, uruguaios, etc. Pesquisas de opinião pública comprovam essa constatação, conforme será analisado mais adiante. Não obstante essa consideração preliminar, nada impede a construção de novas identificações coletivas para novos níveis políticos.

Identidades coletivas são construídas por meio de interações entre os indivíduos, e entre o indivíduo e a sociedade em que está inserido (Berger & Luckmann, 1991, p. 195). A sociologia oferece ferramentas valiosas para o debate sobre a construção social. Peter Berger e Thomas Luckmann demonstram como as comunidades são construídas a partir de dois caminhos entrecruzados: a realidade objetiva, pautada por interações sociais e pelas instituições que conferem forma à essa socialização; e a realidade subjetiva, que é pautada pela internalização das estruturas sociais na mentalidade das pessoas, ou seja, a forma pela qual as pessoas pensam sobre a sociedade em que estão inseridas. Conceitos como interacionismo simbólico – os seres humanos agem orientados por significados – e universo simbólico – forma como os fenômenos sociais são mentalizados e interpretados pelas pessoas – podem ser aplicados nos estudos de formação das identidades coletivas, aqui, em particular, a hipotética

identidade transnacional sul-americana.

É oportuno referir-se a Benedict Anderson, que define o conceito de nação como uma comunidade imaginada. “Imaginada” porque os membros desse grupo não se conhecem, mas compartilham a percepção de que participam da mesma comunidade (Anderson, 1983). Para Anderson, o nacionalismo “não é a tomada de consciência das nações; é a invenção das nações onde elas não existem” (Anderson, 1983, p. 6). Iver Neumann associou, por analogia, a construção da nação (*nation-building*), a que se refere Anderson, com a construção de regiões (*region-building*), que também são comunidades imaginadas. Iver Neumann sustenta que “it is a largely neglected fact in the literature that regions are also imagined communities” (Neumann, 2003, p. 161). Iver Neumann explica que o processo de “*region-building*”, em regra, implica o que ele chama de “franqueamento das fronteiras soberanas” com vistas a uma integração transfronteiriça entre países vizinhos – como é o caso da União Europeia –, embora não cause a supressão legal das fronteiras entre os países; o “*nation-building*”, por sua vez, implica a unificação territorial do Estado em torno de fronteiras delimitadas.

O raciocínio de Iver Neumann foi utilizado por Flávia Cavalcanti, que, tomando como base a UNASUL, propôs a seguinte pesquisa: “poderíamos falar da existência de uma ‘comunidade imaginada?’” (Cavalcanti, 2013). Flávia Cavalcanti concluiu que “A UNASUL não é exatamente uma comunidade imaginada nos moldes pensados por Anderson, o que, longe de significar um problema

ou uma falha, nos permite pensá-la como um espaço de experimentação” (Cavalcanti, 2013, p. 162). Nessa lógica de experimentação, parece ser pertinente aprofundar um pouco mais o assunto iniciado pela pesquisadora.

Benedict Anderson sustenta que a construção da nação não é um processo natural, pois pressupõe iniciação e organização política sustentada pelo governo. O raciocínio se aplica também para os processos de construção regional, como a União Europeia ou, no caso em análise, os mecanismos de integração na América do Sul. A Europa testemunha uma possível crise de identidade regional, ao que se soma o revigoramento de identidades nacionais, por vezes radicalizadas. De forma concomitante, países europeus testemunham um processo de fragmentação do nacionalismo, por meio dos regionalismos separatistas – ou “micronacionalismos” – como a Catalunha, por exemplo. São múltiplos movimentos entrecruzados que operam de forma não homogênea em cada ponto do território europeu. Esses movimentos – como o fortalecimento ou o enfraquecimento dos nacionalismos, dos regionalismos, dos localismos, etc. – são erráticos, por vezes imprevisíveis, uma vez que resultam de associações simbólicas e vinculações subjetivas na mentalidade das pessoas, fenômenos sujeitos a ressignificações contínuas. Na América do Sul, igualmente, há um entrecruzamento de identidades coletivas variadas, tais como os nacionalismos, o latino-americanismo e outras identidades transnacionais, como a caribenha e a andina, além de identidades de matrizes

religiosas, políticas, entre outras múltiplas possibilidades. E nada impede a invenção de novas identidades coletivas relacionadas a significados específicos.

Identificação coletiva é uma variável essencial na teoria da integração (Wendt, 1994, p. 384), uma vez que, sem mudanças identitárias entre os participantes do processo de integração regional, o máximo que se pode esperar é um comportamento cooperativo dos Estados, mas sem, necessariamente, a formação de uma comunidade. Wendt sustenta a possibilidade de construção de identidades e interesses coletivos, embora reconheça que os “states remain jealous of their sovereignty and so many resist collective identification” (Wendt, 1994, p. 385). Nessa lógica de movimentos identitários entrecruzados, Wendt percebe o potencial transformador de novas identidades regionais. A emergência de “international states”, expressão que ele utiliza para se referir a blocos de integração regional, representa uma transformação estrutural do sistema westfaliano de Estados (Wendt, 1994, p. 385). O ritmo dessa transformação estrutural depende da força e da capacidade de influência das novas identificações coletivas, em contraposição à resistência dos nacionalismos.

Nacionalidades são inventadas, construídas e imaginadas; e assim também são as demais identificações coletivas – subnacionais, internacionais ou supranacionais. Isso nos leva à pergunta: a América do Sul pode ser concebida como uma comunidade imaginada? A resposta é sim, ela pode – embora, numa primeira análise, essa comunidade ainda não exista. Hoje,

não há elementos que comprovem que essa comunidade imaginada exista, embora sua construção seja possível. A construção de uma comunidade imaginada não se refere apenas à criação de um aparato institucional comum – MERCOSUL e UNASUL, por exemplo –, por si só insuficiente; pressupõe, também, o desenvolvimento de alguma percepção de grupo. Embora construir uma identidade coletiva não seja imprescindível para a integração sul-americana, a existência dessa identidade ampliaria a disposição dos atores em agir em prol de interesses coletivos, o que, segundo Wendt (1994), é uma criação de novas definições de si mesmo. Em relação aos nacionalismos, Alexander Wendt afirma que “their strength varies historically and often leaves room for collective identity formation” (p. 387). Interesses e associações de matriz subjetiva – subnacionais, nacionais, transnacionais – são socialmente construídos.

E como conciliar múltiplas identidades que coexistem no tempo e no espaço? Um cidadão alemão de Munique pode se autoconsiderar bávaro, católico, alemão, europeu e ocidental e, ao mesmo tempo, ser fanático por um clube de futebol, sem que uma dessas identidades suplante a outra, ainda que uma possa prevalecer em um dado momento ou situação em que o cidadão seja colocado. Por analogia, o raciocínio pode ser transplantado para um cidadão da América do Sul: nada impede que uma pessoa do Rio de Janeiro se identifique, simultaneamente, como carioca, brasileiro, sul-americano, latino-americano e cidadão do mundo, sem

prejuízo de outras formas de identidade de matrizes religiosas, esportivas ou afins. As identidades podem coexistir, complementar e enriquecer umas às outras. A esse respeito escreveu Amin Maalouf que, perguntado se era “metade francês e metade libanês”, respondeu que “a identidade não se fragmenta, ela não se reparte nem em metades ou em terços (..) eu não tenho várias identidades, tenho apenas uma (..) feita de todos os elementos que me influenciam de maneira particular, e que nunca é a mesma maneira de uma pessoa para a outra” (Maalouf, 1998, p. 8). Cada pessoa possui, no seu foro mais íntimo, pertencimentos múltiplos que, na perspectiva de Amin Maalouf, lhes conferem posições “privilegiadas” no mundo – ao pertencer a diversos grupos, as pessoas cujas identidades são constituídas por múltiplas associações e pertencimentos subjetivos agem como mediadoras entre as diversas culturas e comunidades, contribuindo para combater o que ele chama de “concepção estrita, exclusivista, intolerante, que reduz a identidade a um só pertencimento, por vezes proclamada com ódio” (Maalouf, 1998, p. 11).

Além disso, as identidades nacionais podem não ser eternas. São formadas a partir de forças de coesão que legitimam as organizações políticas sobre elas sustentadas. Nada impede, contudo, que novas forças de coesão as substituam, ou que junto a elas coexistam. A formação e o desenvolvimento de identidades coletivas tendem a ser processos graduais e inacabados, além de sujeitos a reorientações e reinterpretações subjetivas. As forças que sustentam

os nacionalismos se manifestam com maior ou menor intensidade ao longo da história, abrindo ou fechando brechas para que surjam identidades alternativas. Sobre o assunto, Wendt adota um tom realista ao reconhecer que a formação de novas identidades coletivas no sistema internacional enfrenta “powerful countervailing forces” (Wendt, 1994, p. 391), em particular devido à força historicamente construída dos nacionalismos.

Na América do Sul, a formação de uma comunidade – em uma perspectiva social, para além da política – ainda é incipiente, sobretudo porque os mecanismos de integração foram aqui iniciados somente na década de 1960, e mesmo assim de forma rudimentar, e a maioria da população sul-americana pouco ou nada conhece sobre integração regional (González González, Schiavon, Crow & Maldonado, 2011).

A formação de redes transnacionais de contato entre os sul-americanos ainda é tímida, embora tenham ocorrido alguns avanços, em particular no âmbito do MERCOSUL. Paulo Velasco analisou a hipótese de emergência de uma suposta “sociedade civil mercosulina”, reconhecendo que “a interpenetração de diferentes povos leva a um intercâmbio cultural que contribui tanto para o aprendizado das culturas entre si quanto para seu fortalecimento enquanto comunidade de valores locais” (Velasco Jr. 2013, p. 66). Conclui, no entanto, que “o MERCOSUL ainda reflete uma lógica fortemente nacional, produto da orientação intergovernamental adotada desde o Tratado de Assunção” (Velasco Jr. 2013, p. 123), sugerindo que

interesses nacionais predominam sobre a eventual identidade mercosulina.

4. Latinobarómetro e opinião pública: quem são os sul-americanos?

O *Latinobarómetro* é um instituto privado que reúne pesquisas de opinião pública pelos países da América Latina. Neste artigo, serão consideradas as opiniões públicas dos sul-americanos, particularmente. A população brasileira representa em torno de 50% dos sul-americanos, de modo que as opiniões dos brasileiros influenciam consideravelmente a opinião geral dos sul-americanos, considerados em conjunto. Inversamente, a população uruguaia compõe menos de 1% dos sul-americanos. As opiniões dos uruguaios, por mais relevantes que sejam para ilustrar aspectos da identidade nacional, pouco influenciam a opinião geral dos sul-americanos. Respeitar essa proporcionalidade é essencial para traçar

linhas gerais de pensamento dos sul-americanos, considerados como uma coletividade. A população da América do Sul é de 427 milhões, conforme já mencionado, cuja metade são brasileiros. Colombianos e argentinos aparecem na sequência. Eis a Figura 1:

Estima-se que 993 diferentes línguas sejam faladas no continente americano (One World Nations Online, 2017), tais como inglês, francês, espanhol, português, holandês, além de línguas nativas e indígenas, como Quechua, Aymara e Guaraní, dentre outras. Na América do Sul, 47,3% das pessoas têm o espanhol como idioma materno; a população brasileira, em sua grande maioria, tem o português como língua materna; e aproximadamente 8 milhões de sul-americanos têm uma língua indígena como idioma de nascimento, entre as quais a maioria são peruanos, paraguaios ou bolivianos. A Figura 2 ilustra a divisão linguística na América do Sul.

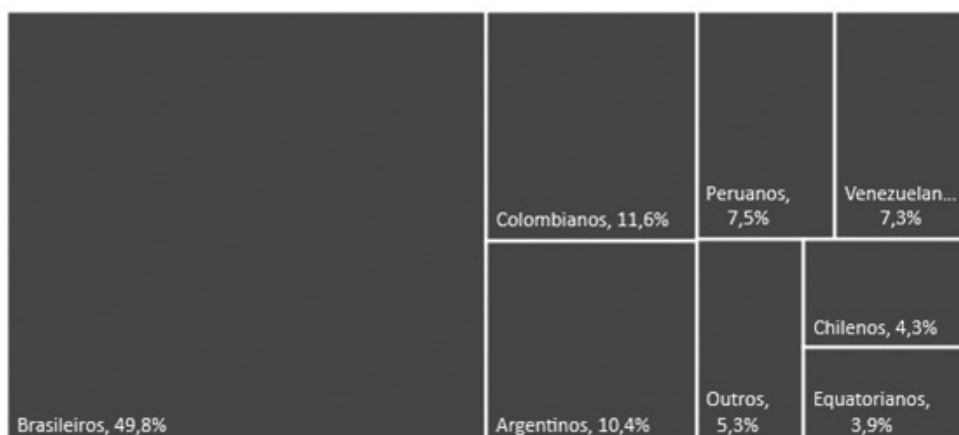


Figura 1. Distribuição populacional da América do Sul.
Fonte: CEPAL, 2018.

A diversidade linguística não é empecilho para a integração regional e a conformação de uma identidade coletiva. A União Europeia, vale dizer, é marcada pelo multilinguismo – 24 línguas oficiais e mais de 60 línguas regionais ou minoritárias, como o basco, galês e catalão –, o que não impede a conformação de um mercado comum, com livre trânsito de pessoas e, no limite, a formação de uma identidade coletiva transnacional.

Segundo o *Latinobarómetro*, a maioria dos sul-americanos não se sentem representados em seus parlamentos: 75% dos sul-americanos compartilham essa opinião, a exceção do Uruguai, onde 45% das pessoas aduzem ser representadas no Congresso. Outra categoria de pesquisa que indica certa homogeneidade entre os sul-americanos é a percepção de que grupos poderosos fazem uso da máquina pública em benefício próprio: 77% dos

sul-americanos têm essa percepção dos seus governantes. Segundo as pesquisas, 73,5% dos sul-americanos possuem pouca ou nenhuma confiança no governo. Uruguaios são os que mais confiam no governo; e brasileiros são os que menos confiam (Corporación Latinobarómetro, 2018).

5. Identidade transnacional

Entre os sul-americanos, considerados em conjunto, as identidades nacionais prevalecem sobre as identidades subnacionais e transnacionais, de acordo com pesquisas de opinião pública; ou seja: ser brasileiro, argentino ou uruguaio importa mais do que ser do Rio de Janeiro, de Buenos Aires ou de Montevideú, e mais do que ser latino-americano ou sul-americano. A maioria dos sul-americanos se identifica mais com as suas nações do que suas comunidades locais de origem

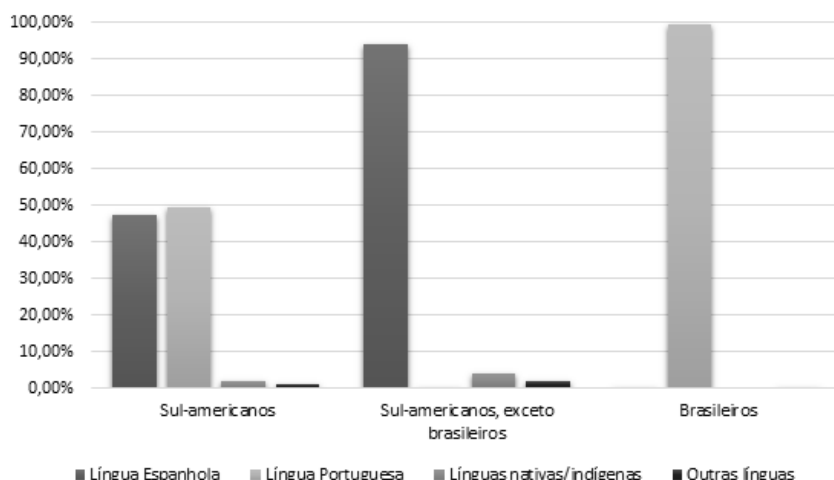


Figura 2. Língua materna por região.

Fonte: Corporación Latinobarómetro, 2018.

(González González, Schiavon, Crow & Maldonado, 2011, p. 49), embora haja exceções consideráveis, sobretudo nos países andinos. No que diz respeito às identidades transnacionais, a maioria das pessoas da região se identifica como latino-americano, mais do que sul-americano, caribenho ou andino (González González, Schiavon, Crow & Maldonado, 2011, p. 49). A exceção é no Brasil, onde a maioria não se identifica como latino-americano (Onuki, Mouron & Urdinez, 2016, p. 433), tampouco como sul-americano.

[...] While citizens of all the Spanish-speaking countries in the sample expressed a degree of 'Latin American-ness', Brazil is an outlier, with only 4% of respondents identifying themselves in this way. To break down these results further, 79% of Brazilian respondents identified themselves as 'Brazilian', followed by 'world citizen' (13%), Latin American (4%), and South American (1%). (Onuki, Mouron & Urdinez, 2016, p. 49)

Em países como Argentina, Chile, Colômbia, Equador e Peru, a identidade latino-americana prevalece sobre a identidade sul-americana, na perspectiva da população. Na Colômbia, a identidade sul-americana prevalece sobre as identidades caribenha e andina, como mostra a pesquisa (González González, Schiavon, Crow & Maldonado, 2011, p. 49). No Peru, ser andino é mais relevante do que ser sul-americano. Enfim, são variadas as identidades transnacionais que coexistem no tempo e no espaço, e que podem ser mais ou menos importantes

na perspectiva de cada pessoa, fenômeno que está sujeito a variações ao longo do tempo. É interessante notar que poucos se consideram sul-americanos, a exceção dos colombianos, dentre os quais muitos assim se definem. As pesquisas sugerem a inexistência de um imaginário coletivo sul-americano, algo que está relacionado, dentre outros fatores, à baixa visibilidade das instituições sul-americanas no cotidiano das pessoas e à ausência de percepção dos benefícios decorrentes do processo de integração regional, conforme será analisado adiante.

6. A visibilidade das instituições sul-americanas

De acordo com o *Latinobarómetro*, 53% dos sul-americanos conhecem ou ouviram falar sobre o MERCOSUL (Corporación Latinobarómetro, 2018). Por comparação, esse índice era de 51% em 1995, quando o bloco ainda era recente. A semelhança entre esses percentuais de 1995 e de 2015 sugere que o MERCOSUL é pouco divulgado e pouco presente na vida das pessoas. No que se refere à UNASUL, apenas 23,55% dos sul-americanos a conhecem, apesar de todos os países sul-americanos serem membros originários da organização (Corporación Latinobarómetro, 2018). Segundo Thomas Risse, a visibilidade e presença das instituições regionais na vida cotidiana das pessoas é um dos elementos que contribuem para a construção de identidades transnacionais (Risse, 2010, p. 7). De fato, é improvável que uma pessoa desenvolva qualquer identificação subjetiva ou sentimento de pertencimento a uma comunidade sem

que a mesma seja visível e esteja presente no seu cotidiano. Se o MERCOSUL ou a UNASUL não oferecem benefícios claros para a maioria dos sul-americanos, é natural que essa maioria não se identifique com a integração regional ou desenvolva uma identidade transfronteiriça. Essa questão está relacionada ao fato de que os latino-americanos são pouco informados sobre assuntos de relações internacionais, conforme evidenciam as pesquisas de opinião pública⁸.

O MERCOSUL é mais conhecido na Argentina, no Paraguai, no Uruguai e na Venezuela, onde mais de 70% da população conhecem o bloco. No Brasil, apenas 55% o conhecem. Em relação à UNASUL, apenas na Venezuela e no Equador mais da metade da população conhece a instituição. No Brasil, apenas uma em cada dez pessoas conhece o bloco, índice mais baixo entre os sul-americanos. Além disso, mesmo os que conhecem ou já ouviram falar desses blocos, não necessariamente possuem informação sobre os benefícios que os mesmos podem propiciar à sua vida, como a possibilidade de requerer visto de residência no país vizinho com condições facilitadas, transitar pelas fronteiras apenas com a carteira de identidade, entre outros benefícios previstos na normativa do MERCOSUL.

Conclusões

Os sul-americanos são pouco informados sobre o processo de integração na América do Sul, o que constitui um obstáculo à construção de uma comunidade imaginada na região, sobretudo ao se considerar que esse processo de *region-building* pressupõe identificação subjetiva e ânimo de pertencimento de grupo. A construção de uma identidade coletiva sul-americana depende da visibilidade das instituições intergovernamentais no cotidiano das pessoas, de modo que a integração seja associada a benefícios. Não basta que existam as instituições regionais; é necessário divulgá-las, e aproximá-las das pessoas.

Nesta pesquisa, foi perguntado se existe uma comunidade imaginada de sul-americanos. À luz das informações apresentadas, é possível concluir que o processo de integração na América do Sul não é acompanhado de um imaginário coletivo entre os sul-americanos. Não se vislumbra, hoje, uma comunidade imaginada sul-americana, como se vislumbram outras comunidades imaginadas fundadas sobre os nacionalismos e, em menor grau, sobre o latino-americanismo. As pesquisas feitas pelo *Latinobarómetro* e pelo *The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy* sugerem que, de uma forma geral, os latino-americanos se consideram membros de uma coletividade imaginada entre si, com a exceção dos brasileiros que, na sua maioria, não valorizam essa identidade. O mesmo não se aplica para o sul-americanismo, identidade aparentemente

8 Latin Americans on average are less informed regarding international affairs and have scarce and little knowledge of other countries and their leaders, including those that of countries that are culturally or geographically close (González González, Schiavon, Crow & Maldonado, 2011, p. 128).

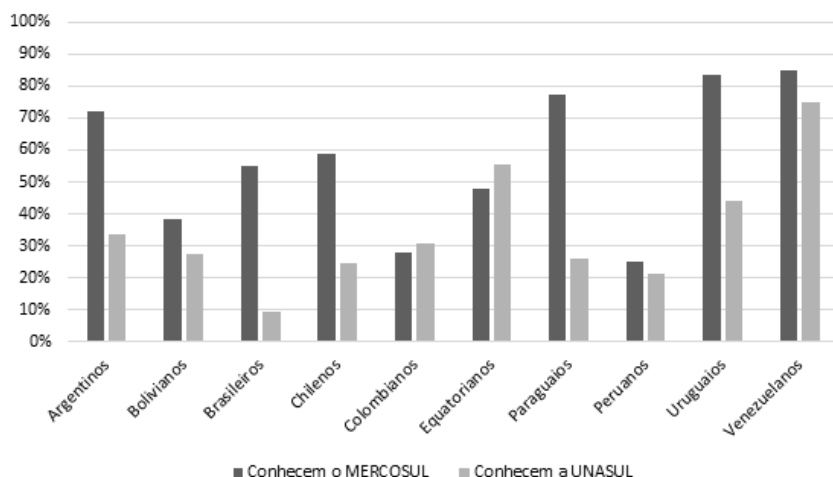


Figura 3. Percentual dos sul-americanos que conhecem o MERCOSUL e a UNASUL, por país.

Fonte: Corporación Latinobarómetro, 2018.

pouco valorizada pelos sul-americanos que, antes de se considerarem da América do Sul, tendem a valorizar seus nacionalismos e, de forma subsidiária, o latino-americanismo. Em síntese, os cidadãos sul-americanos se consideram mais latinos do que sul-americanos.

Embora existam as estruturas materiais no processo de integração regional – quais sejam, um conjunto de regras e instituições intergovernamentais do MERCOSUL e da UNASUL –, não está clara a existência das estruturas subjetivas que legitimariam, no imaginário das pessoas, aquelas estruturas materiais. Não obstante esse diagnóstico, a identidade sul-americana pode vir a ser inventada e construída, assim como as identidades nacionais. Os fluxos de sul-americanos pela América do Sul são consideráveis, seja com a finalidade de migração ou turismo. O aumento dos fluxos permite criar conexões transfronteiriças e redes de contato, o que tende a estimular o

conhecimento mútuo e interdependência entre os sul-americanos. Não é necessário abolir fronteiras nacionais para que uma comunidade de sul-americanos seja concebida na mentalidade das pessoas.

Benedict Anderson defende que as nações são imaginadas e, uma vez imaginadas, podem ser modeladas, adaptadas e transformadas (Anderson, 1983, p. 141). Por sua vez, esse raciocínio também se aplica a outros tipos de identificação coletiva, tal como o sul-americanismo aqui preconizado. Benedict Anderson faz referência a outras comunidades imaginadas não-nacionais na América Latina, tais como os astecas, os maias, os toltecas e os zapotecas, dentre outras comunidades pré-colombianas cujos vínculos comunitários foram, à época, imaginados pelos seus membros (Anderson, 1983, p. 154). Na América do Sul, hoje, há um entrecruzamento de identidades coletivas das mais variadas ordens, dentre as quais

se destacam os nacionalismos, para além de identidades transnacionais tais como o latino-americanismo e as identidades sub-regionais como a andina, caribenha e amazônica, entre outras mais locais. Essas e outras associações coletivas estão sujeitas a ressignificações ao longo do tempo, e cada uma delas tem seu ritmo próprio de desenvolvimento, embora todas elas coexistam de alguma forma.

Uma interessante visão sobre as fronteiras foi apresentada por Fábio Aristimunho Vargas, para quem, na América Latina, seria recomendável que os limites territoriais entre os países não exercessem uma função desagregadora e de “estranhamento” em relação ao outro, mas, sim, uma função de promoção do “convívio de uma comunidade imaginada, marcada pela aproximação e pelo ‘entranhamento’ do outro” (Vargas, 2017, pp. 44-45). Em outras palavras, Vargas defende o estímulo ao desenvolvimento das cidades-gêmeas (na região de fronteira entre os países sul-americanos) como espaços capazes de estimular a emergência de uma nova coletividade com essência distinta das comunidades nacionais (Vargas, 2017, p. 54). Como exemplo, o “Acordo sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas”, entre Argentina e Brasil, em 2005, e em vigor desde 2011, permite que os residentes das cidades-gêmeas – cidades de fronteira entre dois ou mais países⁹

– possam ter acesso a trabalho, ensino, atendimento médico e outros serviços públicos no país vizinho com o qual a cidade-gêmea faz fronteira¹⁰. Essa nova concepção de fronteira, a que se refere Fábio Vargas, é um estímulo à construção de uma comunidade imaginada sul-americana, que, embora hoje ainda não exista, pode vir a ser desenvolvida no futuro.

Em geral, pesquisas de opinião pública permitem visualizar grupos de pessoas de uma forma distinta daquela apresentada pelos políticos e diplomatas (Onuki, Mouron & Urdinez, 2016, p. 454). O sul-americano “médio” fala espanhol ou português. Além dessas duas línguas, um considerável número de peruanos, paraguaios e bolivianos falam línguas ou dialetos locais. Em regra, o sul-americano médio não se sente representado no Parlamento do seu país, e nada nos leva a crer que se sentiria representado politicamente no parlamento do MERCOSUL ou, ainda, no parlamento da UNASUL. A percepção do sul-americano médio é de que grupos poderosos fazem uso da máquina pública nacional em benefício próprio. Considerando a natureza jurídica das instituições sul-americanas, marcadas pelo intergovernamentalismo e pela primazia das soberanias nacionais, deve haver também uma percepção das pessoas de que esses mesmos grupos poderosos fazem uso de mecanismos regionais de integração em benefício próprio, o que, naturalmente, gera

9 São exemplos de cidades-gêmeas na América do Sul, entre outras: Leticia, Colômbia e Tabatinga, Brasil; Rivera, Uruguai e Santana do Livramento, Brasil; Guayaramerín, Bolívia e Guajará-Mirim, Brasil; etc.

10 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8636.htm

desconfianças ao processo de integração e obsta a construção de uma comunidade imaginada transnacional. O próprio fato de que os sul-americanos, em geral, são pouco informados sobre os temas de relações internacionais também constitui um empecilho ao desenvolvimento dessa percepção de coletividade.

Em síntese, a consciência de ser sul-americano ainda é muito limitada. Essa ideia ainda é pouco disseminada no nosso imaginário coletivo. Mas, repito, a construção de identidades coletivas e, por extensão, de comunidades imaginadas, é um processo que pode vir a ser estimulado, sobretudo se considerados fatos históricos e culturais que podem servir como fatores de aproximação e de identificação entre os sul-americanos, apenas para mencionar dois campos essenciais dessa problemática que não foram aqui abordados. Este artigo não pretende ser exaustivo; busca apenas sugerir diferentes possibilidades de abordagem do processo de integração sul-americana, com foco nas pessoas. Outros métodos de pesquisa e verificação, e outras formas de abordagem, devem ser estimuladas nos estudos sobre os sul-americanos, a fim de abordar essa problemática de forma mais apropriada.

Referências

- Anderson, B. (2016). Imagined Communities: Reflections on the origin and spread of nationalism.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (1991). *The Social Construction of Reality. A treatise in the sociology of knowledge*. London: Penguin Books.
- Cavalcanti, F. G. (2013). As contradições da Unasul como comunidade imaginada: Estado soberano e cidadania sul-americana. In: I. Sarti; D. Perrotta, G. Cardoso Carvalho & M. Leite Lessa. (Eds.), *Por uma integração ampliada da América do Sul no século XXI* (p. 151-162). Rio de Janeiro: Perse, vol. 1.
- CEPAL. (2018). *CEPALSTAT: Bases de Datos y Publicaciones Estadísticas*. Recuperado de <http://estadisticas.cepal.org/cepalstat/Portada.html>
- COMEX DO BRASIL. (21 de março de 2017). *Levantamento da ANAC indica alta de 21,64% nos voos diretos da América Latina para o Brasil*. Recuperado de <https://www.comexdobrasil.com/levantamento-da-anac-indica-alta-de-2164-nos-voos-diretos-da-america-latina-para-o-brasil/>
- Corporación Latinobarómetro. (2018). *Latinobarómetro Análisis de datos*. Recuperado de <http://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>
- Demographia. (2016). *World Urban Areas: Built up Urban Areas or World Agglomerations (12th ed.)* Recuperado de <http://www.demographia.com/db-worldua.pdf>
- González González, G, Schiavon, J. A., Crow, D. & Maldonado, G. (2011). *The Americas and the world 2010-2011: public opinion and foreign policy in Brazil, Colombia, Ecuador, Mexico, and Peru*. México: Centro de Investigación y Docencia Económicas. División de Estudios Internacionales.
- Maalouf, A. (1998). *Les Identités Meurtrières*. Sl: Ed. Grasset & Fasquelle.

- Ministério do Turismo. (2017). Anuário Estatístico de Turismo, Vol. 43, 2015. Recuperado de <http://www.dadoséfatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>
- Nações Unidas. (2015). Organização Internacional para as Migrações - OIM. Global migration flows. Recuperado de <http://www.iom.int/world-migration>
- Neumann, I. B. (2003). A Region-Building Approach. In F. Söderbaum, T. M. Shaw (Eds.), *Theories of New Regionalism. International Political Economy Series* (pp. 160-178.). London: Palgrave Macmillan.
- One World Nations Online. (2017). *Official and Spoken Languages of the Countries of the Americas and the Caribbean*. Recuperado de https://www.nationsonline.org/oneworld/americian_languages.htm
- Onuki, J., Mouron, F. & Urdinez, F. (2016). Latin American Perceptions of Regional Identity and Leadership in Comparative Perspective. *Revista Contexto Internacional*, 38(1), 433-465.
- Risse, T. (2010). *A Community of Europeans? Transnational Identities and Public Spheres*. New York: Cornell University Press.
- Vargas, F. A. (2017). *Formação das fronteiras latino-americanas*. Brasília: Ed. FUNAG.
- Velasco Jr., P. A. (2013). *O MERCOSUL social: avanços e obstáculos para uma nova dinâmica de integração regional*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- Warley Candeas, A. (Ed.). (2016). *Estatísticas para o Estudo das Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- Wendt, A. (1994). Collective Identity Formation and The International State. *The American Political Science Review*, 88(2), 384-396.

The invention of south americans: the imagined community in South America

Abstract: The research will attempt to verify if there is an “imagined community” among South Americans, based on a group consciousness that transcends national boundaries. There are some doubts about the identification of South Americans with regional integration projects. Many are not even aware of South American regional institutions such as MERCOSUR and UNASUR. The viability of forging a South American transnational identity will be analysed, without prejudice to predominant national identities.

Keywords: South America, regional integration, transnational identity.

Resumen biográfico

Philippe Carvalho Raposo

Diplomata (Ministério das Relações Exteriores do Brasil). Mestre em História, Política e Bens Culturais (Fundação Getúlio Vargas). Especialista em Relações Internacionais (Universidade de Brasília). Bacharel em Direito (Universidade Federal Fluminense). Co-autor do site www.jusgentium.com.br

Como citar este artículo

Raposo, P. C. (2018). A invenção dos Sul-americanos: a comunidade imaginada na América do Sul. *Revista MERCOSUR de políticas sociales*, 2, 74-99. doi: 10.28917/ism.2018-v2-84